

(RE)CONFIGURAÇÕES DO FEMININO: UMA PERSPECTIVA POSSÍVEL EM OBRA INFANTIL DE CHRISTINA DIAS

Renata Toigo¹

Resumo: A literatura para a infância é um campo fecundo da imaginação. Desde sua origem, as personagens nela configuradas representam papéis importantes para o desenvolvimento dos sentidos. As questões dos estudos feministas também podem ser reportadas ao universo literário infantil, de modo que, nesse caminho de investigação, encontramos na obra *Albertina a vaca estradeira*, da escritora gaúcha Christina Dias, uma seara profícua para uma análise da representação feminina. Coadjuvante à palavra escrita, identificamos, na ilustração de Ana Terra, um importante papel na construção imagética, uma função preponderante na (re)configuração da personagem Albertina. Para empreender esta análise, sob o ponto de vista das teorias feministas, recorreremos à Arruda (2019), Bandeira (2019), Brandão (2004), Zolin (2012), entre outras estudiosas, a fim de entender o papel social representado pela personagem protagonista da referida obra.

Palavras-chave: (Re)configuração, Feminismo, Literatura Infantil.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este texto pretende trazer uma abordagem sobre a (re)configuração do feminino presente na obra infantil *Albertina a vaca estradeira* da escritora Christina Dias. Tendo a literatura infantil como viés de pesquisa, a autora foi escolhida dentre um corpus de escritoras sul-rio-grandenses que publicam no século XXI. A obra em questão possui duas edições: a primeira é de 2007, com ilustrações de Fernando Hatsumura e publicado pela Roda e Cia Editora; a segunda é de 2018, com ilustrações de Ana Terra, pela editora Acesso Popular. Ao comparar as duas edições foi observado que, passados 10 anos, a obra passa por um processo (re)configurativo, tanto no ponto de vista da palavra escrita, quanto da palavra ilustrada.

A comparação, entre as duas versões da história, abre caminho para uma análise a partir das perspectivas feministas, para tanto, recorreremos às teorias trazidas por estudiosas mulheres, como Arruda (2019), Bandeira (2019), Brandão (2004), Scholze (2002), Showalter (1985) e Zolin (2012), que sustentarão a análise aqui empreendida. Os estudos feministas consideram o patriarcado e a dominação simbólica masculina como pilares da violência contra a mulher. Suas manifestações são maneiras de estabelecer uma relação de poder ou submissão,

¹ Doutoranda do curso em Letras - Teoria da Literatura da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, renata.toigo@edu.pucrs.br. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

implicando em situações de medo, isolamento, dependência e intimidação da mulher, e esses aspectos, muitas vezes tramados na literatura para adultos, permeiam também a produção literária destinada às crianças.

Christina Dias é escritora e tem dedicado suas obras à infância. Já publicou mais de 15 livros e por eles recebeu vários prêmios, destacando-se o Açorianos de Literatura Infantil, o selo Altamente Recomendável, da FNLIJ, e foi finalista do Prêmio Jabuti. Nasceu em Porto Alegre, onde vive até hoje. Além da escrita, Christina, que é formada em Letras e especialista em psicopedagogia, dedica-se a formações e oficinas para professores e educadores.

Ana Terra também é gaúcha e, além de ilustradora, é escritora de livros infantis. Já ilustrou mais de 50 títulos, sendo que seis deles é escritora e ilustradora. Suas ilustrações participaram da Bienal de Ilustrações Bratislava, em 2009 e recebeu, em 2013, o prêmio 30 Melhores Livros do Ano, pela Revista Crescer. Sua produção configura diversos selos de Altamente Recomendável, da FNLIJ, bem como, foi finalista do Prêmio Açorianos de Literatura.

(RE)CONFIGURANDO A PERSONAGEM ALBERTINA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DAS TEORIAS FEMINISTAS

A obra infantil, *Albertina a vaca estradeira*, narra a história da personagem Albertina, uma vaca de beira de estrada que pensa todos os dias em passar para o outro lado da cerca, “por isso, seu olhar está sempre molhado de esperança de um dia ser vaca de fora. Ser vaca estradeira.” (DIAS, 2018, p. 4). Uma vaca pensadeira, que pensa a vida além da cerca, imagina que depois da cerca as vacas “assobiam as canções que aprendem com os pássaros migratórios e dançam ballet nas colinas onde moram.” (DIAS, 2018, p. 4). De tanto ter pensamento e olhar para a estrada, Albertina transbordou de tantas ideias, então transformou-se em vaca faladeira, começou a contar as histórias que inventava às outras vacas. Por conseguinte, as vacas começaram a olhar, pensar e dizer o que pensavam, passaram a imaginar o tipo de vida que teriam do outro lado do cercado.

Na primeira edição da obra, entra em cena um cavalo, que em seus saltos exibidos, pulou a cerca e rompeu os arames. Era a vez das vacas que tinham o caminho aberto à frente para experimentar tudo o que sonhavam, porém, Albertina não se mexeu, continuou imóvel

mastigando sua comida de vaca, pedindo às outras vacas que fossem e voltassem para contar se tudo aquilo que imaginaram do mundo fora da cerca era verdade.

Na segunda edição da obra, entra em cena uma égua, que igualmente ao cavalo, em seus saltos exibidos rompe o arame, deixando livre o caminho, era só caminhar e seguir viagem. Albertina ficou parada de susto, imaginando se lá fora encontraria tudo aquilo que a imaginação lhe permitira sonhar. Olhando para o céu, foi se acostumando com o movimento dos pássaros, até que estes, gentilmente, formaram uma seta apontando o caminho. Então, Albertina “entendeu que era hora de seguir. E foi no seu passo de vaca pensadeira com vontade de estrada e com seu olhar molhado de esperança.” (DIAS, 2018, p. 21).

Temos na primeira versão da obra uma personagem que abarca consigo as amarras impostas pela sociedade, na hora em que tem a chance de ultrapassar aquele espaço ínfimo, não consegue se desvencilhar do sistema imposto. Vemos uma personagem feminina vítima de um contexto social que estabelece uma relação de poder e submissão, e quem rompe a cerca é um personagem masculino. Segundo Scholze (2002, p. 175), “as mulheres sofreram ao longo da história um processo de silenciamento e exclusão”, e o indivíduo detentor da palavra, aquele que fala, é majoritariamente masculino, seja na literatura, na lei ou na tribuna. Transferindo essa questão para a narrativa em questão, observamos esse ser detentor da palavra no personagem cavalo, é um indivíduo masculino que “fala”, ou seja, que rompe a cerca. Mesmo com desejos de ser vaca estradeira, vaca que imagina e sonha o mundo além cerca, ela não consegue ao menos tentar, isso porque, segundo Bandeira (2019), as relações de poder implicam em situações de medo, isolamento, dependência e intimidação para a mulher.

Angela Arruda (2019), no texto “Feminismo, gênero e representações sociais”, destaca que as questões de gênero e representações sociais são substâncias do pensamento social, e, esta questão, pode ser percebida na narrativa de Christina Dias. O livro é fruto da oralidade, ouvida pela autora na sua infância, história contada pela própria avó, ou seja, a avó cresceu em um contexto social misógino, na primeira metade do século XX, e isso foi reproduzido em sua narrativa oral, trazendo o pensamento de época, as características da cultura predominantemente machista e patriarcal.

Christina Dias precisou de 10 anos para ter coragem de dar um novo rumo à personagem, de permitir romper as amarras sociais impostas por séculos de submissão da mulher. Na nova versão de 2018, temos a substituição da personagem cavalo, por uma égua, e Albertina, embora tenha ficado “parada de susto”, encontra nos pássaros a indicação de que

era hora de seguir caminho, de que era hora de realmente ser “estradeira”, pois na primeira versão, era vaca estradeira somente de pensamento e não de concretude.

Ao analisar as obras infantis, faz-se necessário, além de observar a palavra escrita, também atentar à palavra ilustrada. Na primeira versão temos imagens ilustrativas do ponto de vista masculino, por Fernando Hatsumura, e o personagem que rompe o arame, também, é do gênero masculino. Importante observar o estereótipo reproduzido pelas ilustrações, conforme as figuras abaixo, um modelo ilustrativo ainda preso ao século passado.



Fonte: (DIAS, 2008, p. 3, 10, 13)

Já na versão de 2018, temos imagens de Ana Terra, que pertence a um novo ciclo ilustrativo, um grupo de artistas que refletem seu processo criativo e os resultados por eles alcançados. Esse movimento trouxe uma proposta para a ilustração brasileira também romper as amarras com os modelos europeus, um engajamento pela representatividade da cultura brasileira estar também na ilustração, pois, o leitor infantil, antes de aprender a ler palavras, lê imagens. Na versão ilustrada por Ana Terra, Albertina, antes de transgredir o cercado, é representada por uma imagem arquetípica branca, como se fosse uma personagem vazia de sentido. A personagem passa a ganhar cor e vida na medida em que vai ultrapassando os limites do cercado, ficando completa e cheia de vida, somente quando é liberta dos liames. Pela sequência de ilustrações, conforme abaixo, podemos observar que o mundo exterior colorido e cheio de vida, passa a fazer parte do ser interior de Albertina no momento em que ela transgredir o limite da cerca, ou seja, temos claramente, o que denominamos aqui de, a (re)configuração da personagem.



Fonte: (DIAS, 2018. p.10, 20, 23)

Para pensar a perspectiva da personagem Albertina, presente nas duas edições aqui empreendidas, recorremos à Zolin (2011) que opõe dois tipos de personagens femininas: “mulheres-objeto”, as que exercem papéis que as entavam nas relações conservadoras de gênero, e as “mulheres-sujeito”, aquelas com capacidade de mudar rumos “da própria trajetória e desafiam as manifestações de poder de ideologias semelhantes à patriarcal que, embora não mais encontrem espaço em certos segmentos da nossa sociedade, ainda são dominantes em outros” (ZOLIN, 2011, p. 95). Dessa forma, podemos destacar a personagem Albertina, da primeira edição, como uma “mulher objeto” e a personagem da segunda edição como uma “mulher-sujeito”. A mulher-objeto sujeitada a permanecer em seu plano subalterno, limitando-se a viver nos limites uma vez impostos, mesmo quando a cerca por ora fora rompida e o caminho estar livre. A mulher-sujeito que, embora motivada por um bando de pássaros, consegue tomar coragem e mudar o rumo de sua própria história, pondo “em discussão as relações de gênero, promovendo o desnudamento e a consequente desestabilização da opressão feminina.” (ZOLIN, 2011, p. 95).

A questão do apagamento ou silenciamento da mulher na literatura pode ser enfatizada a partir de Brandão (2004). Para a estudiosa, as mulheres na literatura foram por muito tempo apenas passageiras da voz do outro, calando assim a própria voz e, por conseguinte, calando seus próprios desejos. A autora também afirma que

é no e do espelho da folha branca do texto que surge esta figura de mulher que circula no imaginário literário e social. Entretanto, a idealização feminina, qualquer que ela seja, sempre cumpre a sentença de morte da mulher. Se ela aceita este lugar, ela aceita a sua petrificação, por mais bela e perfeita que seja a estátua onde ela se erige: aí é o lugar da alienação de seu desejo. (BRANDÃO, 2004, p. 13).

Na primeira edição do livro, temos essa personagem mulher, representada por Albertina, que tem seu desejo de ser estradeira calado, é petrificada, aceitando sua sentença de morte. A metáfora do espelho da folha branca pode ser vista na palavra ilustrada de Ana Terra, da versão da segunda edição do livro, uma personagem feminina, que embora pense,

sonhe e imagine o mundo lá fora, por não o vivenciar é uma folha branca. Deixa de ser folha branca apenas quando transpõe os limites da cerca, é a vivência do mundo além do cercado que permite a ela ser um ser social que importa, que ainda, pensa, sonha e imagina, mas sobretudo, vivencia, experimenta, faz parte do mundo além das demarcações impostas. Podemos comparar aqui as fronteiras da cerca com a mulher dos séculos passados, subjugadas a serem donas de casa, não terem direitos sociais fora do espaço do lar, subjugadas à condição subalterna do “ser mulher”.

Ao pensar o papel da mulher escritora, recorremos à teórica Elaine Showalter (1985). Em seus estudos, propõe três categorias para a literatura escrita por mulheres: primeiramente a feminina, quando as mulheres escrevem em um esforço para se igualarem intelectualmente aos homens, mas sem questionar o papel internalizado, pela cultura masculina, do que seria a natureza feminina; segundo, a feminista, quando as escritoras começaram a questionar as injustiças sofridas pelas mulheres; terceiro, a fêmea, quando as artistas rejeitam tanto a reprodução da cultura masculina quanto o protesto, optando, em vez disso, em utilizar a experiência feminina como fonte para uma arte autônoma.

Transferindo essas informações para a obra aqui empreendida, podemos dizer que Christina Dias faz parte da categoria das feministas, uma escritora que questiona os estereótipos de suas próprias personagens, tendo a capacidade de as (re)configurar. Essa (re)escritura só foi possível devido ao questionamento interior da própria escritora. A não conformidade com aquela personagem aprisionada em um modelo de sociedade que já não impera, não cabe mais. Observar essa dupla versão da história com os leitores em momentos de leitura rende um debate positivo, pois configuram atividades que promovem a reflexão e trazem questionamentos às realidades dos sujeitos, viabilizam a formação de leitores críticos, que saibam olhar para o texto, contexto e intertexto, e a partir desta tríade encontrar (re)configurações para as representações sociais.

Ao observar o ponto de vista da narrativa ilustrada, vemos uma Ana Terra pertencente à terceira categoria destacada por Showalter, pois identificamos uma arte autônoma, capaz de transgredir os estereótipos ilustrativos, coloca o leitor a ler e interpretar sua imagem. É importante atentar que contemporaneamente, ao analisar uma obra infantil, a reflexão não pode ficar restrita à narrativa escrita, pois a palavra ilustrada já não é mera reprodução da palavra escrita. Ela vai além, diz o que à narrativa não coube dizer ou deixou de dizer. Na escritura de Christina Dias não encontramos referências ao vazio interior de Albertina, nem que esse vazio foi preenchido aos poucos ao transpor os limites da cerca. A ilustração é um

modo de o artista revelar, em consonância com a narrativa do escritor, sua visão de mundo. E pelo aspecto inerentemente lúdico e polissêmico da imagem, esse processo de produção de sentido acolherá sempre novas leituras do mundo do livro e do mundo do leitor. Nessa construção há sempre lugar para a interação do leitor, que integra ao livro a sua própria visão de mundo. Pois, em uma sociedade que exige a leitura de uma multiplicidade de linguagens, o letramento não pode se restringir à palavra escrita.

A recorrência da ilustração e suas relações com a palavra na literatura infantil, remete a pensar a função que a imagem desempenha nas publicações, levam à compreensão de que “ler implica em estabelecer relações entre o que é contado por meio da sequência de páginas e ‘como’ é contado” (MORAES, 2008, p. 54). Logo, a imagem de Ana Terra age no âmbito do “como”, do modo pelo qual a narrativa é conduzida pela imaginação, evidenciando, dessa maneira, o entrelaçamento entre imagem e palavra. À vista disso, a obra infantil, aqui empreendida, possui notáveis relações entre a dimensão verbal e imagética da narrativa, de modo que perpassam pelo viés das concepções de gênero e das reflexões, no que diz respeito a enunciação do eu feminino. Um corpo branco (re)configurado imageticamente.

O conto, assim, revela-se como sendo uma das narrativas, dentro da literatura infantil contemporânea, de autoria feminina, em que é apresentada a possibilidade de novas perspectivas para a mulher. Isso porque, de acordo com Scholze (2002), ela mostra-se como um ser humano complexo, contraditório e falível, pois, carrega consigo séculos de submissão, exclusão e silenciamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale destacar que o processo de reconstrução do feminino na literatura brasileira, surgiu, mais fortemente, em meados do século XX, juntamente com os movimentos e teorias feministas, que começaram o rompimento de padrões éticos e estéticos de uma literatura com visões limitantes e equivocadas da figura da mulher, mas que, por causa de muitos séculos de amarras, muitas vezes, esse olhar ainda é encontrado na literatura contemporânea. Reiterando o que já salientado por Scholze (2002), ao longo da história, as mulheres foram silenciadas e excluídas, tanto socialmente, quanto nas artes. À vista disso, é papel dos escritores, ilustradores e todos os que empreendem suas jornadas à arte, repensarem suas práticas quanto às questões de gênero.

Por conseguinte, essas observações nos fazem pensar no ser social mulher, no tempo em que foi necessário para maturar a coragem de romper os estigmas sociais impostos por séculos de sociedade machista e patriarcal, para então, tomar rumos diferentes. Dessa forma, na perspectiva da obra infantil *Albertina a vaca estradeira*, em duas versões, temos uma (re)atualização, sinais de desarticulação das convenções de representação da identidade feminina, tanto no quadro de ficção culturalmente herdada, como no processo de (re)construção do sujeito social. A personagem Albertina, primeiramente passa por um processo de re(configuração) afetiva da própria escritora, que ao se deparar com as questões feministas evocadas e reafirmadas no século XXI, refaz a trajetória de sua personagem. Um processo democrático que precisou de tempo para sair da “caixinha”, que ganha força e representatividade na palavra ilustrada de Ana Terra.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Angela. Feminismo, gênero e representações sociais. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. Passageiras da voz alheia. In: BRANDÃO, Ruth Silviano; CASTELLO BRANCO, Lúcia. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004. p. 11-14.
- DIAS, Christina. *Albertina a vaca estradeira*. São Paulo: Roda & Cia, 2008.
- DIAS, Christina. *Albertina a vaca estradeira*. Porto Alegre: Acesso Popular, 2018.
- MORAES, Odilon. O projeto gráfico do livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de. (Org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008. p. 49-59.
- SCHOLZE, Lia. A mulher na literatura: gênero e representação. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; BEZERRA, Kátia da Costa (Org.). *Gênero e representação na Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, UFMG, 2002. p. 174-182.
- SHOWALTER, Elaine. Toward a feminist poetics. In: SHOWALTER, Elaine (Org.). *The new feminist criticism: essays on women, literature, and theory*. New York: Pantheon Books, 1985. p. 125-143.
- ZOLIN, Lúcia Osana. *A construção da personagem feminina na literatura brasileira contemporânea (re)escrita por mulheres*. Revista Diadorim, Rio de Janeiro, v. 9, p. 95–105, jul. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3923/15661>. Acesso em: 08 jun. 2020.